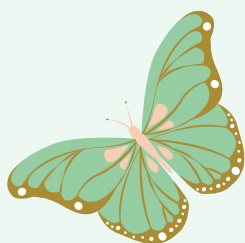
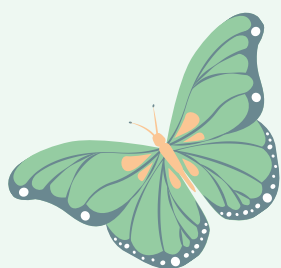


UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL CRIARTE

ELIS BEATRIZ DE LIMA FALCÃO (ORG.)

TRANSIÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

SUBSÍDIOS PARA OS PROCESSOS DE
TRANSIÇÃO NAS DUAS ETAPAS



ELIS BEATRIZ DE LIMA FALCÃO (ORG.)

**TRANSIÇÃO
EDUCAÇÃO INFANTIL E
ENSINO FUNDAMENTAL**

**SUBSÍDIOS PARA OS PROCESSOS DE
TRANSIÇÃO NAS DUAS ETAPAS**

**Editora AZ7
Pelotas-RS
2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

T772 Transição educação infantil e ensino fundamental : subsídios para os processos de transição nas duas etapas / Elis Beatriz de Lima Falcão (org.). - Pelotas, RS : AZ7, 2020.
37 p. : il. ; 30 cm

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-993384-0-3

1. Educação básica. 2. Ensino fundamental. I. Falcão, Elis Beatriz de Lima, 1981-.

CDU: 37

Elaborado por Adriana T. Caetano – CRB-6 ES-000827/O



SUMÁRIO

Apresentação	6
1- Introdução: caracterização do projeto e dos participantes	10
1.1 - Relato avaliativo do projeto de extensão	14
Maria Wilsa	
Milene Saraiva	
2 Transição: diálogo a ser construído com educação infantil e ensino fundamental.....	16
Elis Beatriz de Lima Falcão	
3 Transição nos cotidianos da educação infantil.....	18
Elis Beatriz de Lima Falcão	
3.1 A caminho da escola... a primeira transição.....	18
3.2 Transição casa e escola: relato de uma proposta de acolhimento com grupo 3.....	19
3.3 Os caminhos dentro da escola transições cotidianas.....	23
3.4 A caminho da nova escola... a transição para o ensino fundamental.....	24
3.5 A escola que estava em nós: relato de uma experiência de transição durante um ano de pandemia.....	26
Flávia Amorim Sperandio	
4 Transição e ensino fundamental	34
Elis Beatriz de Lima Falcão	
5 Referências	39
6 Anexos	40
7 Sobre a organizadora.....	47



Apresentação

O ensino fundamental de 9 anos foi implantado desde 2006 pela Lei Federal 11.274, no entanto, dúvidas, inquietações e tensões ainda são presentes nos cotidianos das etapas envolvidas, pois trouxe – e traz – implicações tanto para a educação infantil quanto para o ensino fundamental. Pesquisas como as de Neves, Gouvêa e Castanheira (2011); Kramer, Nunes e Corsino (2011); Souza (2012); Barboza (2017) e Falcão (2019), apontam que, na transição da educação infantil para o ensino fundamental, as vivências sinalizam uma ruptura em relação às práticas que considerem as especificidades das crianças.

Este material é fruto de interesses da minha atuação profissional desde o ano de 2013, enquanto atuava como assessora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Serra-ES, período no qual realizamos, enquanto equipe pedagógica, o primeiro encontro de pedagogos da educação infantil e do ensino fundamental, para abordar a temática da transição. Posteriormente, em 2015, quando mudei minha atuação profissional para docente na educação infantil, precisei pensar como encaminharia o processo de transição das minhas crianças e, a partir daí, o interesse pela temática foi ganhando outras proporções.

Nos anos de 2015 e 2016, coordenei o projeto de ensino “Transição Educação Infantil e Ensino Fundamental”¹, que envolveu turmas de 1º ano de duas escolas municipais de ensino fundamental e ações pontuais em turmas de grupo 5 (crianças de 5 e 6 anos) da educação infantil municipal e federal. No ano de 2017, coordenei um projeto de pesquisa que objetivou investigar dados inventariados no âmbito do projeto de ensino implementado e que teve como resultado a organização do livro “Sobre lagartas e borboletas e sobre não ter medo de voar: a literatura e a transição da educação infantil para o ensino fundamental” (Editora CRV).

Neste ano, ao receber o convite para abordar sobre o tema com professores das duas etapas de uma região do município de Serra-ES, surgiu a oportunidade de pensar um projeto de extensão, pois a temática da transição sozinha já pode trazer impactos para o desenvolvimento das crianças, ainda mais considerando o contexto da Pandemia pelo Covid-19. Assim, elaborei o projeto de extensão “Transição educação infantil e ensino fundamental: novos impactos em contexto de pandemia” com o objetivo de retomar aspectos que envolvem a temática e também pensar numa sistematização que pudesse subsidiar institucionalização de propostas com foco nesse período da transição. Para alcançar os objetivos propostos, realizamos encontros virtuais com professores, pedagogos e gestores de ambas as etapas da Educação Básica.

¹O referido projeto integrou o Programa Institucional de Apoio Acadêmico (PIAA) da Universidade Federal do Espírito Santo.

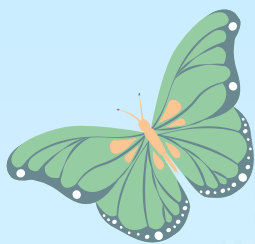


A ideia desse material para subsidiar a transição educação infantil e ensino fundamental se mostrou essencial, especialmente após análise de alguns dados do diagnóstico que os participantes realizaram, antes do primeiro encontro, via preenchimento de um documento, formulário, no Google. No referido diagnóstico, solicitei que os participantes informassem como era realizada a transição educação infantil e ensino fundamental nas escolas que atuavam. Dos 82 respondentes, 9 (11%) declararam que a escola em que atua possuía um projeto sistematizado para a transição, 38 (46,3%) informaram que realizavam ações pontuais e 37 (45,1%) responderam que a escola estava em processo de discussão para elaboração de uma proposta.

Este material tem como propósito contribuir com o diálogo e o planejamento de ações para a transição envolvendo as duas etapas da educação básica. Tenho clareza de que as reflexões e possibilidades aqui apresentadas não abrangem o universo das necessidades que envolvem a temática, no entanto, fica a alegria de saber que iniciamos a caminhada. Agradeço a cada um dos participantes que se dispuseram a dialogar sobre um tema tão caro para as crianças, visto que elas necessitam de uma transição que ora se relacione com o que elas já construíram na educação infantil, ora amplie suas experiências.

Elis Beatriz de Lima Falcão





TRANSIÇÃO

ESTAMOS ESTUDANDO
COM A DOUTORANDA ELIS
O TEMA TRANSIÇÃO
É UM TEMA IMPORTANTE
QUE NOS LEVA A REFLEXÃO

ELA INICIOU COM A LEGISLAÇÃO
QUE NORTEIAM ESTA TRANSIÇÃO
FOI IMPORTANTE REVER A LEI
PARA REVERMOS A NOSSA COMPREENSÃO

JÚLIA CORADINI
(Professora participante do projeto)



1. Introdução: caracterização do projeto e dos participantes

Elis Beatriz de Lima Falcão

Este material originou-se do projeto de extensão intitulado “Transição educação infantil e ensino fundamental: novos impactos em contexto de pandemia”, registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo com o número 1987, que teve como objetivo geral institucionalizar projeto de transição com profissionais da educação infantil e ensino fundamental, considerando as especificidades das crianças nesse processo e, ainda, subsidiar reflexões sobre a importância da temática no contexto da pandemia pelo Covid-19, visto que experiências que seriam construídas com as crianças no ano de 2020 foram prejudicadas.

Para alcançar esse propósito, alguns objetivos específicos foram traçados: retomar aspectos introdutórios da transição Educação Infantil e Ensino Fundamental (marcos legais), dialogar com estudos da área sobre impactos no processo de transição, abordar sobre a criança no processo de transição, discutir sobre as contribuições de cada etapa, conhecer práticas realizadas nesse processo de transição e sistematizar uma proposta de transição com o grupo para inspirar propostas a serem implementadas.

Com a intenção de levantar alguns aspectos acerca da transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental para subsidiar reflexões que seriam realizadas nos encontros formativos, foi elaborado um formulário diagnóstico, que foi respondido por 82 professores, sendo que 69,5% possui vínculo de contrato temporário e 30,5% efetivo (concursado); 63,4% desses atuam na educação infantil e 36,6% no ensino fundamental. Do total de participantes (82 professores), 97,6% eram do sexo feminino, 59 deles possuem graduação em pedagogia, 18 formação em alguma licenciatura e 61 alguma especialização. Em relação à quantidade de anos de experiência na docência, 51,2% possui entre 1 a 2 anos, 8,5% entre 3 a 5 anos, 15,9% entre 5 a 10 anos e 24,4% possui mais de 10 anos de experiência.

No projeto foram realizados encontros síncronos com algumas temáticas. No primeiro, intitulado “Transição educação infantil e ensino fundamental: aspectos introdutórios”, abordamos alguns marcos legais da transição, como a Lei 11.274/2006 (BRASIL, 2006a), que ampliou o ensino fundamental para 9 anos, com a justificativa de expandir o direito à educação para as crianças de 6 anos, assegurando um tempo maior de convívio escolar e, portanto, maiores oportunidades de aprendizagem. Ainda constitui marcos legais alguns documentos normatizadores: “Orientações para inclusão da criança de 6 Anos” (BRASIL, 2006b), que tinha como objetivo orientar sistemas ou redes acerca da necessária adequação dos currículos da escola tendo em vista os propósitos do ensino fundamental de 9 anos, as especificidades e demandas das crianças de 6 anos;

“Ensino Fundamental de 9 anos: passo a passo do processo de implantação” (BRASIL, 2009), com o propósito de abordar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de seis anos sem perder de vista as especificidades da infância, apresentando algumas orientações pedagógicas e possibilidades de trabalho.

Ainda no primeiro encontro, abordamos como marcos legais as “Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica” (BRASIL, 2010) e o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (BRASIL, 1998), ambos destacam sobre realizar um processo de transição que contemple estratégias diversas para momentos de transições vivenciados pelas crianças e que garanta a continuidade do processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipações de conteúdos que serão trabalhados no ensino fundamental. Enfim, abordamos que essas normatizações demonstram que a política de implantação do ensino fundamental de 9 anos era uma questão complexa que exigiria tratamento político, administrativo e pedagógico.

No segundo encontro síncrono, intitulado “Transição: uma construção coletiva entre educação infantil e ensino fundamental”, abordamos que, na transição, a criança precisa se sentir apoiada para que ela seja positiva ao desenvolvimento dela, e assim poder inaugurar novas fases que a desafia a ampliar horizontes, a empreender novas habilidades e competências no percurso da vida (ZABALZA, 1998), e, ainda, sobre como o contexto de pandemia pode impactar na transição, visto que a construção de recursos desenvolvidos pelas crianças em etapas anteriores podem influenciar interações no novo contexto que ela participará (MATURANO, 2015). Consolidamos a ideia de pensar a articulação entre as duas etapas como um lugar de encontro pedagógico, uma perspectiva de pensar a transição como educação infantil e ensino fundamental a partir do princípio da continuidade e da ampliação (NEVES et.al. apud MOSS, 2008).

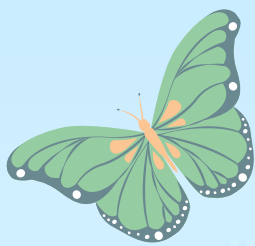
No último encontro formativo, síncrono, destacamos que pensar a transição como lugar de encontro pedagógico chama nossa atenção para olhar o papel do lúdico e das brincadeiras, da linguagem verbal e das diferentes linguagens nas práticas que serão continuadas e ampliadas. Abordamos sobre as contribuições da educação infantil para o processo de alfabetização, sobre a sistematização desse processo no ensino fundamental considerando as experiências já construídas pelas crianças e da necessidade de um trabalho que contemple as diferentes linguagens pelas quais as crianças se apropriam e dialogam com o mundo.

Ao final dos encontros síncronos, realizamos uma avaliação e tivemos o retorno de 55 professores, 80% desses disseram que os encontros e os temas foram muito relevantes para a prática e 20% que foram irrelevantes. Quando os participantes foram perguntados sobre quais foram os pontos mais relevantes dos encontros síncronos, eles destacaram a interação dos professores das duas etapas, além de muitos comentários sobre o processo de trabalho com a linguagem escrita.

"Foi perceber que a importância desta transição é muito maior do que eu pensava e que realmente se faz necessária uma mudança de postura de nós professores do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, aproximando mais as práticas". (Participante do projeto)

"Foram muitas aprendizagens e nos faz refletir sobre a transição da criança em diferentes setores, seja de uma turma para outra, de professor para outro, de creche para escola. É preciso pensar em estratégias para melhorar o acolhimento e receptividade das crianças nestas transições, que têm um impacto tão severo na vida da criança quando feito de qualquer forma. Neste último encontro, foi maravilhoso compreender ainda mais as diferentes linguagens da criança e como podemos, de forma simples, mas com planejamento e articulação, desenvolver uma alfabetização entendendo todo o processo de aprendizagem da criança e buscando potencializar sem negligenciar o aprendizado através diversas manifestações de linguagens que a criança traz. Aprendi muito com os exemplos citados, obrigada!" (Participante do projeto)





INFÂNCIA

A INFÂNCIA É UMA FASE
QUE TODOS NÓS PASSAMOS
SÃO MOMENTOS IMPORTANTES
DE LEMBRANÇAS, BEM MARCANTES

A CRIANÇA

MESMO VINDO DE REALIDADES SOFRIDAS
ELAS TÊM UMA ALEGRIA INTERNA
BRINCA E CRIA DE FORMA ESPECIAL
E TEM UMA FELICIDADE, FENOMENAL

JÚLIA CORADINI

(Professora participante do projeto)



1.2 Relato avaliativo do projeto de extensão

Maria Wilsa e Milene Saraiva
Diretoras escolares no município de Serra-ES

A formação “Transição educação infantil e ensino fundamental: novos impactos em contexto de pandemia” ministrada pela professora doutoranda Elis Beatriz de Lima Falcão partiu do anseio dos gestores escolares no sentido de diminuir as lacunas entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, visto que essa transição se constitui em um marco importante na vida das crianças e suas implicações têm sido objeto de estudo nas redes de Ensino, além disso, entendemos que os desafios nos aspectos pedagógicos e estruturais, normalmente vivenciados, foram fortemente impactados pela pandemia global, tornando esse processo ainda mais desafiador.

Por entender a importância deste momento, as instituições de Educação Infantil geralmente se organizam por meio de projetos pedagógicos para que a criança possa vivenciar esta “passagem”, dialogando sobre as impressões, dúvidas e curiosidades acerca da nova escola. Nesta proposta são organizadas visitas e outras atividades no sentido de integrar as crianças. Este processo envolve a parceria e o diálogo entre as EMEFs e CMEIs e acontece por iniciativa das instituições e seus gestores. De forma geral, no Grupo V as crianças passam por um processo de despedida das instituições. A pandemia que resultou na suspensão das aulas tirou o convívio diário das crianças com seus amigos e com os profissionais do CMEI e conseqüentemente não nos permitiu a despedida.

Deste modo, a suspensão das aulas nos impulsionou a pensar em novas formas de estabelecermos vínculos e contribuir neste processo de passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Assim, a partir dos diálogos proporcionados nos encontros direcionados pela professora Elis Beatriz, pudemos refletir sobre aspectos importantes das infâncias e suas especificidades, bem como unir os profissionais das EMEFs e CMEIs da região da Grande Jacaraípe a fim de buscar práticas de aproximação que pudessem dar continuidade as aprendizagens e vivências das crianças, assim como nas práticas pedagógicas. A formação nos inquietou no sentido de buscar movimentos que potencializassem as possibilidades de ações que favorecessem a compreensão através dos estudos dessa transição, e sobretudo de uma prática real, considerando o contexto atual.

Os encontros também nos levaram a refletir sobre a necessidade de se considerar os Direitos de Ensino Aprendizagem no Ciclo de Alfabetização, já que a alfabetização é um processo que se inicia na Educação Infantil e se estende nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Assim, se faz necessário promover um trabalho pedagógico que busque atender as necessidades das crianças como o espaço lúdico e do brincar, das metodologias para se alfabetizar, bem como no modo de se pensar o currículo para essa etapa, pois uma criança de seis anos ainda necessita desenvolver aspectos tais como: a imaginação, o jogo e outras atividades lúdicas que são fundamentais para o seu desenvolvimento. Contudo, pode-se notar que as temáticas abordadas instigaram os profissionais sobre a necessidade de repensar quanto a promoção de atividades significativas, em que a criança possa vivenciar as diversas práticas de escrita, de maneira lúdica e criativa e como isso deve ser respeitado como um processo desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental.

Nesse sentido, as contribuições dos profissionais foram fundamentais para o enriquecimento pedagógico dos encontros, já que suas opiniões e impressões teceram ainda mais as redes de conversação acerca do currículo de das possibilidades de fazê-lo no enredo do cotidiano escolar nessas duas etapas.

Avaliamos que a formação nos proporcionou momentos de deleite, em que pudemos dialogar enquanto rede, de forma coletiva sobre um tema relevante e de grande interesse para todas as unidades de ensino envolvidas. E, como mencionado anteriormente, isso já era um interesse nosso, pois desejávamos um momento em que pudéssemos nos aproximar num interesse comum que contribuísse para nosso crescimento. Vale salientar, que esse diálogo partiu do nosso anseio, sem nada imposto, mas um desejo que foi possível em meio a um contexto caótico, que é a pandemia, mas que proporcionou esse momento tão ímpar.

“Entendo que a educação infantil não é uma preparação para o ensino fundamental. Logo os alunos irão desfrutar novos desafios e novas conquistas. Meu papel é tornar o aprendizado leve e proporcionar um saber elaborado, e ao mesmo tempo não romper com os momentos lúdicos. A educação é uma troca de conhecimentos, as crianças são seres produtores de cultura e o papel do professor é ter um olhar sensível para os aspectos éticos, estéticos e a plasticidade do mundo da criança”. (Participante do projeto)

2. Transição: diálogo a ser construído com educação infantil e ensino fundamental

Elis Beatriz de Lima Falcão

A transição para o ensino fundamental não foi inaugurada com a ampliação do ensino fundamental de 9 anos, no entanto, inaugurou-se a entrada das crianças com 6 anos, visto que, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, professores, pedagogos e gestores manifestam cotidianamente dúvidas e desafios em relação ao que era e ao que deveria ser praticado com as crianças. Na educação infantil, algumas inquietações passaram a ser em torno do que deveria ser praticado com as crianças, se o que era desenvolvido com as que saíram passaria a ser praticado com as de 5 anos. No ensino fundamental, por outro lado, algumas inquietações giram em torno das expectativas em relação aos conhecimentos/experiências vivenciadas pelas crianças na educação infantil para a continuidade do processo, especialmente, o de alfabetização.

Atualmente, há mais de 10 anos do prazo final da implantação do ensino fundamental de 9 anos, temos um cenário que ainda demonstra o não favorecimento do diálogo entre os dois segmentos da educação básica, pois é frequente questionamentos em relação ao lugar da linguagem verbal, alfabetização, nas práticas da educação infantil e do ensino fundamental, ao papel do lúdico e das brincadeiras para a continuidade do processo de aprender das crianças nessa transição, e, ainda, em relação a não adequação física (prédios, carteiras etc.) e pedagógica (materiais apropriados à idade e aos interesses infantis) das escolas públicas, conforme podemos acompanhar no gráfico 1:

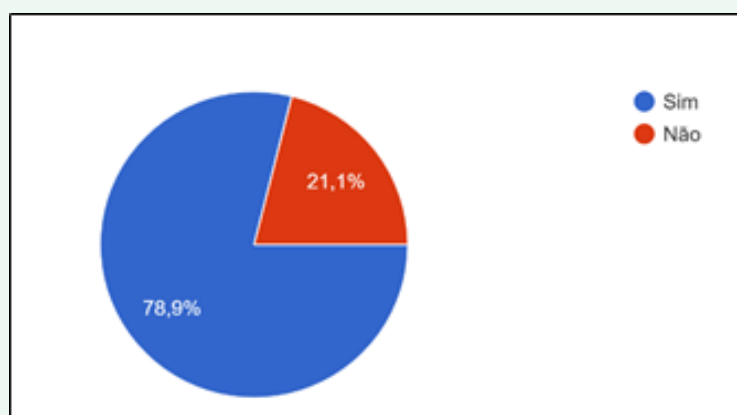


Gráfico 1: respostas referentes a participantes (n.º 38) quando questionados se as suas unidades de ensino possuíam estrutura física e pedagógica apropriada para as crianças de 6 anos.

Um dos objetivos do projeto era de ser ponte para a construção e um diálogo entre os centros municipais de educação infantil e escolas de ensino fundamental. Com o intuito de conhecer perspectivas que os professores possuíam em relação a esse diálogo, no formulário diagnóstico foi perguntado aos professores qual a melhor ideia traduziria, para eles, a possibilidade de relacionamento entre as duas etapas envolvidas no contexto da transição (Gráfico 2). Se a educação infantil deveria preparar as crianças para um melhor desempenho no ensino fundamental, e se, por outro lado, o fundamental também deveria se adaptar à educação infantil (36,6%); se o ensino fundamental e o ensino infantil, por serem etapas distintas, deveriam seguir cada um com suas especificidades (17,1%); ou se o ensino fundamental deveria ampliar as experiências, no entanto, contemplando continuidades (46,3%).

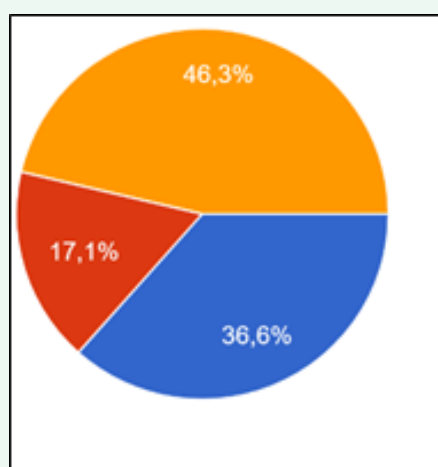


Gráfico 2: respostas referentes a participantes (n.º 82) acerca das possibilidades de relacionamento entre educação infantil e ensino fundamental.

As respostas dos participantes, gráfico 2, foram ponto de partida para um dos encontros síncronos realizados com os professores. Nesse, abordamos sobre as concepções das possibilidades de relacionamento indicadas por eles com base em Neves, Gouvêa e Castanheira (2011, p. 123) apud Moss (2008). Destacamos que, se pensarmos que a educação infantil deve preparar as crianças para o ensino fundamental, e se, por outro lado o fundamental deve se preparar para a educação infantil, ficamos numa perspectiva de subordinação de uma etapa à outra. Quando pensamos que ambas etapas são distintas e devem seguir com suas especificidades, ficamos numa perspectiva de impasse, na qual há uma negação recíproca. Finalizamos nossas reflexões na importância de afirmarmos a relação entre educação infantil e ensino fundamental como um lugar de encontro pedagógico, a partir do princípio da continuidade e ampliação.

3. Transição nos cotidianos da educação infantil

Elis Beatriz de Lima Falcão

3.1 A caminho da escola... a primeira transição

“Uma criança iniciou a sua primeira transição casa e escola aos 3 anos. A criança iniciou muito bem, estava ansiosa para ir para a escola, e assim, bem, seguiu ao longo de 1 a 2 meses. Mas, de repente, começou a chorar ao ficar na escola e muitas vezes nem queria sair de casa. Descobriram que ela se deu conta de que precisava deixar a chupeta em casa para ir para a escola, assim, era melhor ficar em casa e não se separar da chupeta”. (Participante do projeto)

Na elaboração de suas Propostas Pedagógicas, as instituições de Educação Infantil deverão prever estratégias para lidar com as diversas transições vivenciadas pelas crianças (BRASIL, 2010). A transição da casa para a escola é a primeira que os bebês ou crianças realizam, e eles necessitarão se apropriar de um novo ambiente, com novas pessoas, novos artefatos culturais e rotinas. Como esse momento será vivenciado depende de cada criança e família, mas precisamos saber acolher os distintos modos que eles viverão esse momento, por isso, precisamos sistematizar propostas de experimentar esse período de transição.

Podemos começar por uma entrevista com as famílias, incluindo informações sobre a rotina das crianças, brincadeiras e alimentos preferidos, seus medos. Dados da entrevista poderão nortear o olhar sensível da escola no conhecimento de hábitos das crianças, pois algumas vezes algo que possa dificultar a transição, como apego a brinquedos, objetos e pessoas que a criança não queira se separar.

Nas semanas de acolhimento, podemos:

- ✓ Sugerir que as crianças tragam algum objeto de apego;
- ✓ Definir uma pessoa fixa para receber a criança (professoras ou auxiliares);
- ✓ Possibilitar a entrada e permanência dos pais na sala nos primeiros dias;
- ✓ Estabelecer horário diferenciado na primeira semana;
- ✓ Orientar sobre o momento de despedida;
- ✓ Enviar algo produzido na escola para casa, para criar vínculo escola e casa;



✓ Acolher com atividades atrativas para a faixa etária, como “Zonas de bugigangas” com caixas em tamanhos variados e latas revestidas com diferentes materiais que façam diferentes sons e tenham diferentes texturas.



Imagens 1 e 2: Zonas de bugigangas (Fonte: revista “Fios do brincar: tecendo o acolhimento de todos os bebês e crianças pequenas”)

Não podemos esquecer que as famílias necessitam de orientação, por isso se realiza uma reunião antes do início do ano letivo para apresentar a proposta de acolhimento da escola, além de dar apoio aos responsáveis que manifestarem maior insegurança.

3.2 Transição casa e escola: relato de uma proposta de acolhimento com grupo 3

Elis Beatriz de Lima Falcão

Eu estava bem ansiosa sobre como seria receber as crianças novatas no CEI e ainda um grupo 3, para a grande maioria seria uma transição da casa para a escola pela primeira vez. Minhas experiências anteriores estavam ocorrendo com grupos de crianças com 4 e 5 anos, e fiquei imaginando que eles teriam pouquíssima autonomia para se alimentarem, que muitos estariam usando fraldas, e como eu faria para acolher as crianças e as famílias no primeiro dia, todos dentro da sala, visto que nossa proposta para acolhimento dos grupos menores é, no primeiro ou primeiros dias, acolher em sala de aula tanto a criança quanto um dos responsáveis.

Me organizei de forma a planejar a acolhida articulada com o planejamento do espaço e das primeiras propostas que seriam realizadas com as crianças. Assim, pensei no tema jardim para uma decoração da sala. Destaco que não se tratava de sair colando flores e bichinhos pelas paredes da sala, mas utilizar como tema para alguns detalhes, pois na sala é importante priorizar as produções das crianças. Nesse sentido, para o varal das atividades, fiz pregadores de joaninhas e, para os numerais, vasos relacionando número e quantidade



Imagem 1: arquivo pessoal Elis Beatriz

Na ocasião, a instituição realizou uma reunião com os responsáveis antes do ano letivo iniciar, assim combinei com eles que, ao chegarem no primeiro dia letivo, que mostrassem o cartaz da formiga, que dizia: “Olá, amiguinho do grupo 3, siga minhas amigas formigas para chegar na sua turma”.

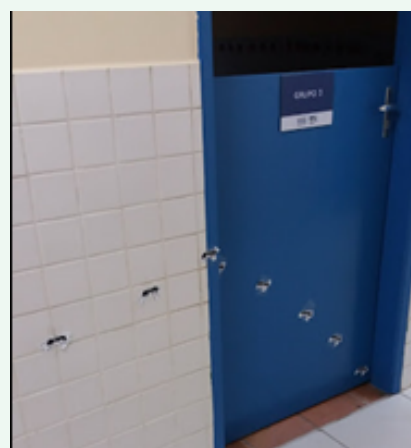


Imagem 2 e 3: arquivo pessoal Elis Beatriz

Sistematizei um planejamento para as primeiras semanas de acolhida. No primeiro dia recebemos as crianças com adereços de borboleta, joaninha e abelha. Os responsáveis estavam presentes e foi pensado um momento de roda com uma música para que as crianças, eu e a auxiliar nos apresentássemos; depois deixamos cantinhos com brinquedos com os quais eles pudessem interagir. No segundo dia, seguimos com a ideia de roda com alguma estratégia para que eles falassem seus nomes e interagissem com os colegas; incluímos passeios pela escola com propostas nos espaços visitados, como brincadeiras na brinquedoteca e dança na sala multiuso. A partir desse dia incluí também a realização de atividades artísticas articuladas com algumas literaturas e ao tema jardim.

Para cada história, planejei algumas estratégias de contação e, após a leitura, um convite para realizarmos alguma proposta.



Imagem 4: foto da capa do livro. Acervo biblioteca Criarte

"Visitamos um reino diferente com essa história, O reino das borboletas brancas. Elas eram brancas porque só beijavam as flores brancas, até que um dia as borboletas beijaram flores de outras cores, deixando o reino todo colorido.

Que tal pintar uma flor com sua cor preferida?"



Imagem 5: foto da capa do livro. Acervo pessoal Elis Beatriz

"A abelha abelhuda era diferente das outras abelhas, não gostava de tirar o néctar das flores, por isso foi expulsa da colmeia. Foi morar com as flores e de tanto dedicar seu amor a elas, se transformou numa flor.

Vamos fazer uma abelha diferente, usando nosso pé?"



Imagem 6: foto da capa do livro. Acervo biblioteca Criarte

"Hoje conhecemos a história A borboleta e a minhoca. Elas não estavam satisfeitas com o que eram, até que um dia uma fada resolveu ajudar e fez a tão desejada mudança...

Vamos pintar apenas uma asa da borboleta, depois dobrar o papel e ver que mudança acontecerá!"



Imagem 7: foto da capa do livro. Acervo pessoal Elis Beatriz

"Joaninha, é a personagem da história que lemos hoje. Ela nasceu sem bolinhas e as outras joaninhas viviam implicando com ela por isso.

Vamos fazer bolinhas na joaninha com o nosso dedinho!"

Ao final, com todas as propostas prontas, fizemos um mural na porta da sala, para que as demais crianças conhecessem os novos coleguinhas, visto que, na ocasião, era a turma mais nova do turno. Além disso, é uma forma das crianças se sentirem acolhidas. Ao chegarem, as crianças se procuravam e mostravam aos responsáveis tudo que tinham feito no mural.



Imagem 8: Acervo pessoal Elis Beatriz

A literatura teve um destaque, ela contextualizou todo o trabalho, deu sentido às nossas narrativas, articulou a linguagem verbal com demais linguagens e até foi um acalento naquele momento de chorinho dos primeiros dias. Abaixo, algumas crianças da turma participando da história, com fantoche, que se tornou a preferida da turma e de algumas crianças de modo especial, pois o gatinho ia além da história que fora escrita no livro... ele contava sobre como foi ir para a escola pela primeira vez, que ficou com pouquinho de medo, chorou, mas que depois viu que não precisava ter medo, pois tinha as professoras e muitos coleguinhas.





Imagem 9: Acervo pessoal Elis Beatriz

3.3 Os caminhos dentro da escola... transições cotidianas

"Início de ano letivo, turma nova... só não imaginava que a turma anterior ficaria um pouco desapontada, como ficamos apenas 3 meses juntos, imaginei que elas não sentiriam diferença. Foram poucos meses porque cheguei na instituição faltando 3 meses para o fim do ano letivo. No ano seguinte, no primeiro dia de aula, fui surpreendida por várias crianças perguntando, na varanda que fazia divisória entre as salas, "tia, porque você não pode ser mais nossa professora?. Nesse momento me dei conta de que não havia pensado na transição delas para a turma seguinte". (Participante do projeto)

Destacamos que a primeira transição da criança é da casa para a escola, no entanto, dentro da instituição, as crianças vivenciarão outros momentos de transição, como:

 Saída de colega, professor e outros profissionais. Quando saída de professor, sempre que possível, que ocorra um período dos dois professores juntos, para que o novo possa ir assumindo o protagonismo. Quando outros profissionais estiverem saindo, realizar momentos de despedida, que podem ser marcados por escrita de cartão, momento de conversa em roda para despedida e/ou um lanche coletivo;

 Mudança de turma. No ano anterior, já sabendo quem será o professor, dialogar com as crianças sobre a mudança, mas antes realizar momentos juntos com a nova professora, por exemplo, em momentos de brincadeiras no pátio ou em outros espaços, piqueniques, ou mesmo realizar um dia de troca de professores. Precisamos também pensar na flexibilidade das rotinas, visto que muitas vezes as crianças, ao passarem da creche para a pré-escola, necessitam de um período de acolhimento à nova rotina, pode ser necessário realizar a transição de um período integral para parcial, e, no anterior, por exemplo a criança poderia estar habituada a ter horário de sono.

"Me recordo de uma turma em que as crianças frequentavam no turno inverso outra instituição de educação infantil, como eu as recebia no vespertino, era muito comum algumas crianças manifestarem desejo por dormir ou mesmo irritação e não desejo em realizar as atividades propostas". (Participante do projeto)

3.4 A caminho da nova escola... a transição para o ensino fundamental

É provável que, juntamente com a transição da casa para a escola, a passagem para o ensino fundamental possa ser um dos momentos de maior dificuldade para as crianças, visto que são períodos de instabilidade nas rotinas, com novas demandas de socialização e de aprendizagens. Por isso, é necessário planejar algumas estratégias para que elas possam vivenciar uma transição, na qual elas se sintam apoiadas e que gere processos de desenvolvimento mais efetivos e saudáveis (MATURANO, 2015). Efetivar ritos de passagem significativos e que façam parte do universo infantil é necessário, assim, podemos:

- ✔ Propiciar encontros ao longo do ano letivo, como mostras culturais, com turmas do 1º ano de escolas próximas;
- ✔ Realizar passeio para conhecer a escola de ensino fundamental;
- ✔ Realizar comemoração ao final do ano que podem ser marcadas com um piquenique ou um encontro comemorativo;
- ✔ Planejar ritos simbólicos, como plantar uma árvore ou pintar um quadro que irá ficar na escola;



Imagem 1: Acervo pessoal Elis Beatriz



Imagem 2: Acervo pessoal Elis Beatriz

- ✓ Realizar encontros das crianças egressas do grupo 5 com as crianças do atual grupo 5 para dialogarem sobre a experiência de ir para o ensino fundamental;



Imagem 3: roda de conversas crianças G5, atual e egressas. 2016. Acervo pessoal Elis Beatriz

- ✓ Apresentar narrativas nas quais a temática esteja presente, e, com uma perspectiva discursiva de linguagem, que possibilite às crianças externarem suas ideias e até medos; (ANEXO 1)

- ✓ Planejar a melhor forma de preparar os relatórios individuais, para que possam ir além de caracterizar a personalidade da criança, mas que contemplem percursos, processos que irão colaborar para a continuidade das vivências no ensino fundamental;

- ✓ Promover rodas de conversas com responsáveis das crianças do atual grupo 5 com responsáveis das crianças egressas, para trocas de experiências.



Imagem 4: Imagem 2: roda de conversas com responsáveis, sobre transição. 2016. Acervo pessoal Elis Beatriz

3.5 A escola que estava em nós: relato de uma experiência de transição durante um ano de pandemia

Flávia Amorim Sperandio

Apresentação

Como são pensados os processos de transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental no CEI CRIARTE/UFES¹? Como contribuir para a produção de sentidos pelas crianças que estão concluindo a primeira etapa da educação básica e por suas famílias? O que levamos em conta para planejar e realizar as ações relacionadas à transição? Como qualificar tais processos com intencionalidade e mediação pedagógica? E como fazer isso em um ano em que quase não estivemos lá, fisicamente, no chão da escola?

Neste relato, vamos partir da experiência vivenciada no ano de 2020 no CEI Criarte, ainda que atípica, e narrar os processos de planejamento, realização e avaliação das ações.

A comissão designada para tratar de tais processos foi composta por: monitora, auxiliar e professora de cada grupo finalista (turnos matutino e vespertino), bem como diretora e pedagogas. Estas últimas são elementos fixos nas comissões que trabalham em cada ano, e cabe a elas a manutenção do histórico dos anos anteriores, repasse das avaliações, enfim, ser um elo da memória institucional de modo a qualificar os processos continuamente.

Lançamos para as ações de transição um olhar institucional, ou seja, elas não cabem exclusivamente às docentes que regem os grupos finalistas em cada ano, mas fazem parte da cultura e da história da instituição. Tal formalização mostra-se importante para fixar na instituição os objetivos da mediação dos processos de transição para as crianças e assegurar-lhes um olhar qualificado pelo acúmulo de experiências avaliadas criticamente e coletivamente.

Organizamos as ações relacionadas à transição das crianças em quatro eventos, cada um com uma série de ações conjugadas que compõem caminhos para expandir a produção de sentido pelas crianças e suas famílias sobre os processos que estão vivenciando.

Primeiro evento: Seminário de pais

A primeira das ações relacionadas à transição foi uma reunião com os familiares das crianças finalistas na Educação Infantil. Desde o ano de 2018 temos utilizado para esse

¹O Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes é uma Unidade Federal de Educação Infantil vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Localiza-se no campus universitário de Goiabeiras.

momento um dispositivo intitulado “Seminário de Pais”, proposto em nosso Projeto Político Pedagógico como um espaço formativo para os familiares, recorrente ao longo do ano, aberto à comunidade escolar, sendo que nos meses de outubro ou novembro realizamos essa edição específica para tal público.

Tivemos duas convidadas para dialogarem com as famílias sobre a transição: a professora de um dos grupos finalistas, que abordou sobre o ensino fundamental de 9 anos, sobre os processos de alfabetização, entre outros assuntos, e uma psicóloga clínica que atua com o público infantil, que focou nos processos socioafetivos e emocionais tanto para os adultos quanto para as crianças.

Muitas vezes, a ansiedade em relação aos processos de mudança vem muito mais dos adultos do que das crianças, e isso sim as afeta negativamente, mais que a situação em si. Percebemos que as famílias têm muitas dúvidas que se tornam inseguranças em relação ao processo de transição: Como escolher a escola nova? O que falar com as crianças? O quanto dos assuntos antecipar? Falar muito sobre a mudança pode aumentar as preocupações?

Também ouvimos famílias narrarem como a criança reagiu com resistência a uma sutil menção ao processo de transição: “Eu não vou para outra escola, vou continuar na Criarte”. O sentimento de falta causado pela pandemia agravava a situação, a ponto de termos famílias consultando sobre possibilidades de reter a criança mais um ano na Educação Infantil.

Nesse contexto, conversar com os adultos sobre os processos, as mudanças, as expectativas, os sentimentos, etc., sempre atentando que cada pessoa poderá vivenciá-los de modos únicos e personalíssimos, mostrava-se imprescindível. E com a restrição das atividades presenciais, tornou-se necessário criar novas formas, mais espaços de contato e de diálogo. Isso porque no dia a dia, nos corredores da escola, no “bom dia”/“boa tarde”, na tranquilidade ou na correria como as famílias respondem... nisso tudo residem subsídios para mediação, acolhimento e acompanhamento. Muitas vezes, na mais despretensiosa pergunta que a família faz na porta da sala de aula ou da pedagoga, na recepção ou no corredor, surge uma conversa extremamente esclarecedora e assistencial. Não tendo isso ao nosso dispor no contexto da pandemia, precisamos construir outras formas de diálogo.

Nesse sentido, o Seminário de Pais foi um importante espaço de trocas e acolhimento. Tivemos interações dos familiares fazendo perguntas, colocando seus pontos de vista, suas opiniões. Um rico espaço de compartilhamento, considerando a diversidade das vivências do processo de transição: enquanto algumas famílias ainda nem tinham parado para se dar conta que estava se encerrando o tempo de Educação Infantil, outras já sabiam detalhes sobre a futura escola!



Segundo evento: Encontro Transição

Nos anos anteriores, vínhamos construindo diferentes estratégias para mediar o processo de transição com as crianças, dentre as quais destacamos: visitas à escola de Ensino Fundamental para conhecer a rotina e as especificidades daquele espaço e convite às crianças egressas do CEI Criarte para interagirem com as crianças finalistas e compartilharem suas experiências no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Um traço em comum destaca-se nessas experiências: o diálogo entre pares. Crianças que viveram a transição recentemente podem compartilhar seus olhares, seus sentimentos e seus desafios com autenticidade, propiciando *rapport*² e diminuindo o viés de um olhar a partir exclusivamente da experiência do adulto.

Como no ano de 2020 nenhum dos formatos utilizados anteriormente seria viável, buscamos adequar as ferramentas e estratégias possíveis e adequadas aos objetivos de propiciar um diálogo entre crianças sobre os processos de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Ao organizar o evento, surgiram preocupações em relação ao momento de excepcionalidade, uma vez que as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental pouco teriam vivenciado a presença no chão da escola. Pensando nisso, optamos por convidar duas crianças egressas: uma que estivesse, naquele momento, no primeiro ano do Ensino Fundamental (egressa do CEI Criarte no ano de 2019) e uma matriculada no segundo ano do Ensino Fundamental (egressa do CEI Criarte no ano de 2018). Essa última, tendo vivenciado o primeiro ano do ensino fundamental antes da pandemia, poderia compartilhar um olhar mais amplo sobre a nova etapa de ensino.

Os encontros fluíram com descontração e acolhimento. As crianças convidadas narraram suas experiências com muita eloquência. Elas estavam felizes e orgulhosas em participar daquele momento que elas mesmas também haviam vivido em seu último ano no CEI Criarte. Conforme nossa orientação prévia às famílias, as crianças finalistas do CEI pensaram antecipadamente em algumas perguntas para fazer aos convidados. Tais perguntas foram importantes disparadores e novas dúvidas surgiram a partir delas e do que era apresentado pelas crianças egressas.

Dá para caçar minhoca?

Tem que tirar a agenda todo dia da mochila?

Pode ficar descalça na sua escola?

Foi difícil aprender a ler?

²O termo francês *rapport* é utilizado na psicologia e pedagogia, bem como em outras áreas, para designar a conexão empática nas inter-relações.

O fato de as ações de transição serem institucionais e contínuas é um importante elemento de coesão para qualificá-las: conseguimos ter visão de conjunto e ampliar o olhar a partir das vivências anteriores, que permanecem na memória institucional; e estabelecemos tal processo na cultura da instituição de modo que as crianças fazem parte deles e entendem seu sentido.

Terceiro evento: Despedida do espaço físico

Encontrar na Criarte cartazes datados de março e calendários estacionados naquele mês trazia uma estranha sensação de que a escola tinha sido “evacuada”, abandonada para não mais ser vista. Algumas famílias compartilhavam que, ao passear pela UFES, ver a escola fechada e o mato alto trazia tristeza e lamento.

Ainda que à primeira vista tal imagem induzisse a uma leitura de abandono e descuido, reforçamos com convicção que a grama alta era, na verdade, cuidado com as pessoas que trabalham ali, e quando fosse o momento, tudo seria posto em ordem para um retorno seguro. Entretanto, consideramos importante que a escola não fosse lembrada pelas crianças naquela imagem de abandono e interdição, mas pelas vivências tão ricas que elas tiveram a oportunidade de vivenciar ali. Mobilizados pela demanda por cuidado e acolhimento durante um período de grande vulnerabilidade que todos vivemos no ano de 2020, consideramos importante que as crianças tivessem a oportunidade de uma despedida mais qualificada do espaço físico do que as visitas ao portão trancado com grama alta.

Pensar em como viabilizar a visita de todas as famílias de modo seguro e afetuoso mostrou-se um grande desafio. Como evitar aglomerações e garantir o distanciamento físico entre as pessoas? Era seguro incentivar a circulação de tantas pessoas naquele momento? Como minimizar os riscos? Como promover uma vivência significativa apesar das restrições?



Imagem 1: arquivo CEI Criarte

Agendamos um horário específico para recebermos uma família por vez, com um intervalo no meio do turno para limpeza dos ambientes, e organizando um fluxo unidirecional de visitação ao espaço. Disponibilizamos  lcool em gel em vários pontos do trajeto e todos permaneciam de máscaras e atentos ao distanciamento físico. No ambiente externo, organizamos um painel para fotos. Sendo um espaço amplo e muito ventilado, as famílias puderam retirar as máscaras para o registro fotográfico, feito por uma mesma pessoa em cada turno para não haver compartilhamento de equipamentos.

Em seguida, a família percorria o corredor da Criarte e rememorava, por meio de fotos, momentos de cada ano que as crianças vivenciaram ali.



Imagem 2: arquivo CEI Criarte

Na sala de aula em que iniciaram o ano de 2020, os nomes de todas as crianças do grupo estavam colados nas paredes, em altura acessível a elas, e uma faixa dizia "sentiremos saudades". Os cartazes, os materiais, o mobiliário... tudo foi mantido como fora utilizado em março, quando deixamos o prédio. As crianças eram convidadas a procurarem seu nome na parede e retir -lo para levar para casa. Percorriam a sala observando os objetos, os brinquedos, lembrando com quais mais gostavam de brincar, onde mantinham seus pertences, etc.



Imagem 3: arquivo CEI Criarte

Ao fim da visita, realizamos a entrega do certificado de conclusão da Educação Infantil e de uma lembrança: um dos grupos editou uma revista com produções das crianças e entrevistas com profissionais da escola, e o outro grupo produziu um calendário do ano de 2021 com desenhos das crianças.

Quarto evento: Rito de passagem

O último evento realizado foi o Rito de Passagem, uma cerimônia para marcar o encerramento da Educação Infantil e celebrar esse período. Também por meio de reunião virtual, o evento reuniu as crianças e seus familiares, e a equipe da escola: diretora, pedagoga, equipes de sala atuais e dos anos anteriores. Discursos, poemas, canto à capela... cada participante homenageava o grupo finalista, lembrando vivências e fixando as experiências no CEI Criarte como momentos especiais em nossas vidas. Também produzimos vídeos de homenagem aos grupos, mostrando fotos de toda a trajetória das crianças na instituição.



Imagem 4: arquivo CEI Criarte

Construímos o Rito de Passagem como um momento solene que registre a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental como um momento especial na vida das crianças. No entanto, muito mais que a solenidade e a tradição, importa que o evento seja significativo e interessante para as crianças. Nos anos anteriores, vínhamos experimentando diferentes formas de conduzir o evento, e avaliamos que um tom mais intimista, simples, mais pensado pelas crianças do que para as crianças era mais proveitoso. No ano de 2019, as crianças escolheram o cardápio do lanche de confraternização que encerrou o evento. Em 2020, convidamos as famílias a prepararem um alimento à escolha da criança para um “lanche coletivo” a distância, cada um em sua casa.

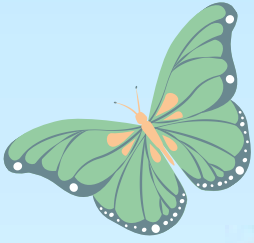
Por fim, disponibilizamos os materiais relacionados aos eventos de transição digitalmente, por meio de pasta compartilhada. As famílias receberam as fotos da despedida do espaço físico, capturas de tela das reuniões virtuais, os vídeos apresentados no Rito de Passagem e a gravação do mesmo, bem como outros materiais de interesse. Organizar esse registro e dar suporte às famílias quanto ao download e armazenamento foi importante para concretizar também as experiências “virtuais”, por meio do registro e documentação dos momentos vivenciados.

Concluindo...

Nós, do lado de cá, entregamos essas crianças ao ensino fundamental com um bilhete em mãos pedindo muita sensibilidade no acolhimento a elas, muito respeito ao que elas viveram e deixaram de viver em um ano de crise sanitária mundial. Desejamos que possamos todos sustentar práticas de cuidado de si e dos outros, em todas as etapas da educação básica. Que possamos sustentar práticas de defesa da vida e de todos os direitos, e que tal sustentação seja leve e gratificante.

No ano de 2020 nos foi imposto o distanciamento físico, fomos bruscamente separados do espaço físico da escola. No entanto, gosto de pensar que a Criarte não ficou lá, fechada, empoeirada, com cartazes datando março; ela está em cada um de nós, trabalhadores, crianças e famílias, membros da comunidade que lhe dá vida. Da mesma forma, penso que ela permanecerá na história pessoal de cada criança que dali se despede. E, em um futuro não tão distante, desejamos reencontrar presencialmente, com toque e abraço, as crianças e famílias da Criarte, vivendo, então, novas experiências no Ensino Fundamental, com novas escolas edificadas dentro de si.





PROJETO

VAMOS CRIAR
UM PROJETO DE TRANSIÇÃO
DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O ENSINO FUNDAMENTAL
TODOS JUNTOS REFLETINDO
E MUITAS IDÉIAS VÃO SURGINDO

E ASSIM
IREMOS CONTRUIR
ESTE PROJETO COLETIVO
PARA TORNAR ESTA FASE
MAIS LEVE E TRANQUILA
PARA TODAS AS CRIANÇAS

ESTE É O OBJETIVO
QUE DEVEMOS FOCAR
PARA ASSIM, A NOSSA CRIANÇA ALEGRAR

JÚLIA CORADINI

(Professora participante do projeto)



4. Transição e ensino fundamental

Elis Beatriz de Lima Falcão

“Desde 2017 tenho esta preocupação por lecionar no grupo 5 no CMEI e 1º ou 2º ano na EMEF. Então em acordo com a direção do CMEI realizo uma aproximação de rotina e práticas para minimizar o “choque” que notava nas crianças que acompanhava na EMEF. Então, junto à pedagoga e à direção realizo ações que permeiam todo o processo durante o grupo 5. Além de tentar incluir no 1º ano a ludicidade a partir de projetos e sequências didáticas, lembrando que se faz complicado por causa da demanda do ano em que estão (obrigatoriedade de metas e conteúdos a serem cumpridas); no 2º ano a dificuldade do lúdico é maior, devido ao aumento da demanda e institucionalização de notas e avaliações. Acredito que tanto grupo 5 quanto o 1º ano devem se aproximar mutuamente. Não apenas haver mudanças apenas numa etapa”. (Participante do projeto)

“A criança fez sua transição para uma escola que tinha de 1º ao 9º ano, no entanto, apenas uma turma de 1º ano. As crianças foram acolhidas junto com as demais turmas, em fila e em meio a muito barulho a professora surge e avisa que irão subir para a sala, para isso elas deveriam subir uma rampa e os responsáveis não poderiam subir junto. Ao entrar na sala a criança se depara com uma sala com carteiras em fila e nenhum artefato cultural nas paredes, nenhum cantinho, nenhum alfabeto ou algo que desse alguma cor à sala cinza. No recreio, junto com todas as turmas, as crianças não tiveram acompanhamento no refeitório e durante o recreio. Era um espaço que não tinha um parquinho ou uma caixa com brinquedos para o recreio. A criança chorou do 1º ao 10º dia. Os responsáveis trocaram de escola. Ao chegar na nova escola encontrou uma sala organizada com vários artefatos culturais infantis, recreio separado de turmas maiores e dividido em dois momentos, um para lanche e outro para brincar, tinha parquinho... não teve choro e ela sentiu-se acolhida”. (Participante do projeto)

Os relatos acima retratam diferentes contextos nos quais as crianças podem vivenciar durante o processo de transição para o ensino fundamental, no primeiro podemos visualizar uma prática que sistematiza o fazer pedagógico pensando nas crianças e em suas necessidades, por outro lado, no segundo relato podemos observar nas entrelinhas aspectos pedagógicos a partir da descrição do espaço físico e da acolhida nesse espaço, que não leva em consideração as necessidades das crianças, e a importância de um processo com base em continuidades e ampliações gradativas. Ambos os relatos são para chamar nossa atenção para o fato de que a transição exige tratamento administrativo e pedagógico e que esses não estão dissociados.

Especificamente, com a leitura do segundo relato, temos uma dimensão importante que envolve a transição e que não pode ser desconsiderada, o alto potencial estressante que essa experiência tem ao contemplar mudanças (escola), perdas (colegas e professores, brinquedos), pressão (por desempenho) e imprevisibilidade (quebra da rotina) e, por isso, traz impactos ao desenvolvimento delas (LIPP, 2002).

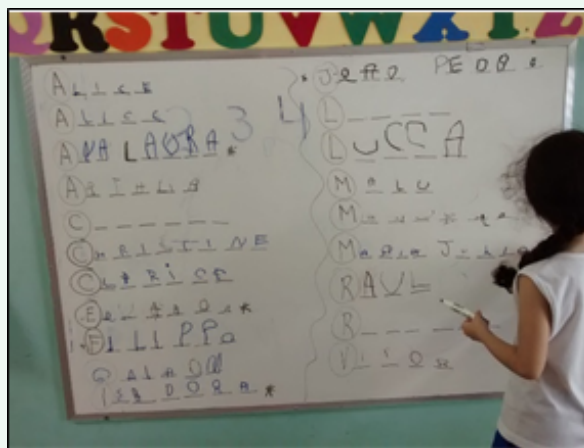
A transição traz para as crianças um período de imprevisibilidade e incertezas, uma vez que precisam dar conta de um novo sistema que espera delas o cumprimento de metas, como: aprendizagem, socialização, novo ambiente físico e social, menos supervisão e maior autonomia. E, assim, as crianças precisam enfrentar desafios para se ajustarem às mudanças nas definições de papéis e comportamentos esperados, situar-se numa rede social ampliada, adequar-se às normas e regras e lidar com o estresse associado à imprevisibilidade e incertezas inerentes à situação como um todo (MATURANO, 2013).

Os relatos acima trazem alguns apontamentos para pensarmos a prática pedagógica com as crianças que estão transitando para o ensino fundamental, ou seja, as necessidades de ensino-aprendizagem, especialmente no atual contexto, no qual as crianças tiveram suas experiências, que seriam construídas no cotidiano da educação infantil, extremamente afetadas. Precisamos planejar o acolhimento das crianças, que se inicia com a organização do ambiente alfabetizador, bem como as mediações que nele ocorrerão. Considerando a premissa de ampliar as experiências, mas considerar algumas continuidades nesse processo, podemos pensar que o espaço da sala de aula precisa ser acolhedor e, ainda, ser experimentado com práticas que tenham relações com vivências anteriores das crianças. Podemos, por exemplo, organizar escritas desse ambiente para que as crianças as experimentem como uma prática social, ter cartazes dos aniversariantes do mês, calendário, chamadinha, combinados da turma, dentre outros, para que a escrita em seus usos e finalidades por exemplo, organizar, comunicar, relacionar, possam ser vivenciados com as crianças.



Imagens 1 e 2: arquivo pessoal Elis Beatriz

Além dos cartazes, o alfabeto com os quatro tipos de letras, logicamente, que deve ser explorado nas propostas cotidianamente, auxiliando na realização das atividades permanentes, como a chamada, que no período de acolhimento por ocorrer de forma mais lúdica, como sorteando uma letra para que a criança encontre seu nome, observando a letra inicial e depois coloque no mural do alfabeto. Ou que na medida que forem chegando na sala possam localizar a primeira letra dos seus nomes e escrevê-lo, observando um tracinho para cada letra.



Imagens 3 e 4: arquivo pessoal Elis Beatriz

Em continuidade às atividades permanentes, temos a escrita da rotina do dia com eles, contribuindo inclusive para que eles possam se sentir seguros em relação à previsibilidade do que irá acontecer na aula. Podemos sortear ajudante do dia e escrever o nome para adivinharem, explorando primeira letra, quantidade de letras, última letra, etc. Todas essas atividades destacadas contribuem ainda para que as crianças aprendam nome e formas das letras e com práticas sociais de leitura e escrita, pois são escritas que possuem finalidades. Ainda em relação à organização do ambiente alfabetizador, podemos ter, quando possível, um cantinho da leitura, que pode ser fixo ou móvel.

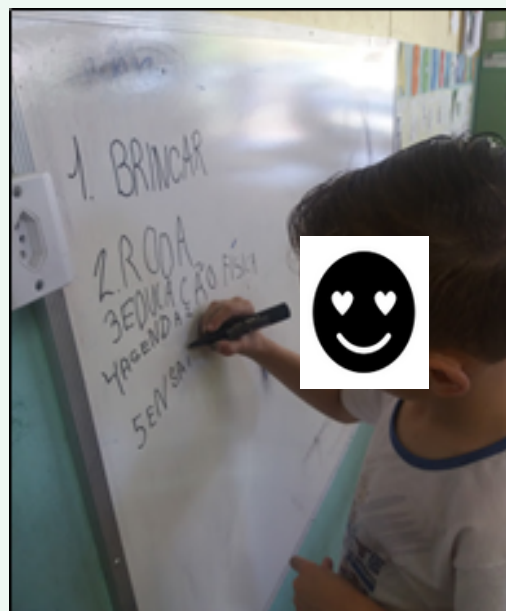


Imagem 5: arquivo pessoal Elis Beatriz

O acolhimento das crianças pode também ser planejado com uma prática de leitura. Podemos selecionar uma narrativa para ser ponto de partida para um diálogo com as crianças sobre medos ou sobre mudanças que passamos, e, assim, identificarmos medos que elas têm e sentimentos que elas possam ter em relação à transição da educação infantil para o ensino fundamental. Como sugestão, incluímos a prática de leitura com o livro “Os medos de Lili”, da autora Lilian Menenguci (ANEXO 2).

Também faz parte do acolhimento sistematizar como as crianças serão recebidas nas primeiras semanas do ano letivo, se as famílias acompanharão até as salas, ou na saída buscarão nas salas, como serão os momentos do recreio (separados de turmas maiores ou junto), se as crianças terão momento de lanchar separado de um momento para brincar, visto que muitas nem comem para poder brincar, e se elas serão acompanhadas nos refeitórios nas primeiras semanas.

Para que as crianças criem vínculos com a nova escola, é interessante realizar um passeio pelo espaço da escola para conhecer seus espaços, atividades que são realizadas neles, bem como os profissionais que neles atuam. O professor pode, inclusive, aproveitar esse momento para realizar uma proposta didática de passeio pelo espaço da escola explorando as escritas e suas finalidades e outros símbolos empregados na escrita, como sistema ideográfico, que costuma estar nas placas dos banheiros.

“Vejo que o professor de ensino fundamental, por mais que tentem, ao receber as nossas crianças, criarem um ambiente alfabetizador e rico em atividades lúdicas e vivências agradáveis, o sistema acaba o aprisionando, exigindo resultados, e ele acaba sendo quase que obrigado a cumprir conteúdos programáticos para atingir determinada meta”
(Participante do projeto)

O relato do professor participante chama a atenção para um ponto chave para pensar todo o processo de transição das crianças para o ensino fundamental, do meu ponto de vista. Como podemos trabalhar as especificidades que o 1º ano requer, visto a sistematização dos conhecimentos específicos da alfabetização, e, ainda, considerar as necessidades das crianças por práticas lúdicas? Devemos apostar em um trabalho que conceba o texto como elo integrador tanto das dimensões da alfabetização, leitura, produção de textos orais e escritos e conhecimentos do sistema de escrita (GONTIJO, 2008) quanto das diferentes linguagens e com o lúdico, organizado por temas ou projetos. Isso faz sentido se considerarmos as crianças como foco da nossa ação pedagógica, entendendo que as crianças se apropriam do mundo também pelo desenho, pela expressividade corporal e musical, pela oralidade e pelo brincar.

Muito importante, para além de traçar algumas sugestões é incluir a transição como uma ação institucionalizada da escola no Projeto Político Pedagógico, a partir de um diálogo coletivo baseado no estudo do grupo acerca da concepção de transição, de infância, de linguagem, de alfabetização. A partir ainda da definição de critérios para professores regentes das turmas de 1º ano, da distribuição das turmas por turnos e salas, do ambiente alfabetizador, dos materiais pedagógicos, da rotina pedagógica, do processo de acolhimento, da organização da prática pedagógica (modalidades organizativas: projetos, sequências didáticas, os livros didáticos), do acompanhamento pedagógico aos professores e crianças e do acolhimento das famílias. Por fim, a definição de encontros formativos para qualificar ainda mais o trabalho com as crianças que abarque o processo de alfabetização em articulação com o lúdico e as diferentes linguagens, concepção de infância, de linguagem como processo de interação verbal.

Algumas considerações

Foi objetivo abordar a temática da transição educação infantil e ensino fundamental defendendo a perspectiva da continuidade, com valorização das experiências construídas com as crianças na educação infantil, e da ampliação, no ensino fundamental. A ideia do material surgiu a partir do projeto de extensão intitulado “Transição educação infantil e ensino fundamental: novos impactos em contexto de pandemia”, que teve como ponto de partida o convite de diretoras de Centros Municipais de Educação Infantil e Escolas Municipais de Ensino Fundamental do município de Serra-ES.

Que esse diálogo possa multiplicar para outras escolas de ambas etapas e, ainda, para os responsáveis pelas políticas públicas de educação, para que a temática da transição possa estar incluída no planejar da educação em suas variadas dimensões, pedagógica (formações de professores), econômica (compra de artefatos culturais para o ambiente alfabetizador e lúdico, construção de prédios que contemplem necessidades pedagógicas das crianças, como pátios, por exemplo). A transição faz parte do processo de escolarização e, por isso, é responsabilidade de todos que pensam e fazem educação nessas etapas, para que as crianças possam se desenvolver de forma plena.

5. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **A ampliação do ensino fundamental para 9 anos**. Lei Federal 11.274. 2006.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF. 2006b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. Brasília/DF. 2009.

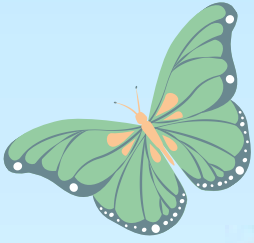
_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF. 2010.

_____. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF. 1998.

Lipp, M. E. N., Arantes, J. P., Buriti, M. D. S., & Witzig, T. (2002). **O estresse em escolares**. *Psicologia escolar e educacional*, 6(1), 51-56.

MATURANO, Edna Maria. **A criança, a família, a escola e a transição para o ensino fundamental**. In: Konkiewitz, Elisabete Castelon (Org.) *Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência: uma visão transdisciplinar*, Editora UFGD, Dourados, 2013.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Tradução. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

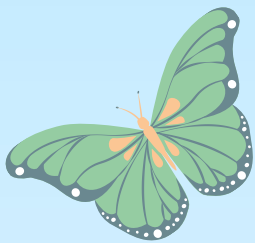


ESTRATÉGIAS DE LEITURA

A ELIS NOS APRESENTA
ESTRATÉGIAS DE LEITURAS
INICIA COM A 1ª
QUE É A ANTECIPAÇÃO
QUE LEVA AO DESPERTAR
E A EXPLORAR OPINIÕES

DIALOGANDO E MEDIANDO
A RESPEITO DA HISTÓRIA
DESPERTA O INTERESSE
QUE REMETE A LEMBRANÇA
DE MEMÓRIAS IMPORTANTES

TRABALHANDO A BIOGRAFIA
DO AUTOR APRESENTADO
QUE EXPLORA SUAS IMAGENS
DESTE AUTOR ENFATIZADO



OUTRA ESTRATÉGIA INTERESSANTE
OCORRE DURANTE A LEITURA
AS CRIANÇAS IRÃO CONFIRMANDO
OU REJEITANDO HIPÓTESES
FAZENDO ANÁLISE DO CONTEXTO DA HISTÓRIA
QUE MAIS TOCA A SUA MEMÓRIA

A TERCEIRA ESTRATÉGIA
OCORRE APÓS A LEITURA
ATRAVÉS DE UMA CONVERSA
ONDE OBSERVAMOS
SE A CRIANÇA COMPREENDEU A HISTÓRIA
E SUGERIMOS UM TEXTO COLETIVO
ONDE SUAS IDÉIAS SERÃO EXTERNADAS.

JÚLIA CORADINI
(Professora participante do projeto)



ANEXO 1: Proposta para diálogo com crianças da transição educação infantil e ensino fundamental

Sugestão de literatura: “A lagarta que tinha medo de voar”, Cleide Vilas

A história de Lia, a lagarta que tinha medo de ser borboleta, aborda de forma poética, o medo e a insegurança de enfrentar o desconhecido, sentimentos tão comuns quando estamos crescendo. (fonte: <https://www.paulinas.com.br/produto/lagarta-que-tinha-medo-de-voar-a-485>)

Estratégias antes da leitura

1. Como sei que gostam de história, trouxe essa aqui. Quem conhece? Sabem o título?
2. Por que será que as palavras, na frase medo de voar, estão assim, nessa direção? (chamar atenção que as letras não estão na direção convencional, que foi utilizado para simular um voo).
3. Lagarta voa? Por que será que tem esse título então? (algumas crianças poderão falar sobre o ciclo da metamorfose da borboleta)
4. Por que será que ela tem medo de voar? (ouvir as crianças e depois dizer que vamos ouvir a história para descobrir)
5. O que mais tem de informação na capa? (Apontar e perguntar o que está escrito nas demais partes, chamando atenção para nome da editora, do ilustrador e por último da autora)

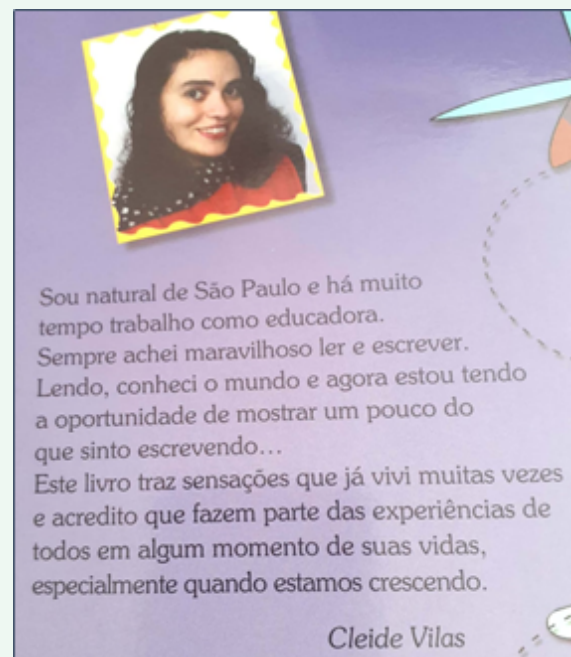
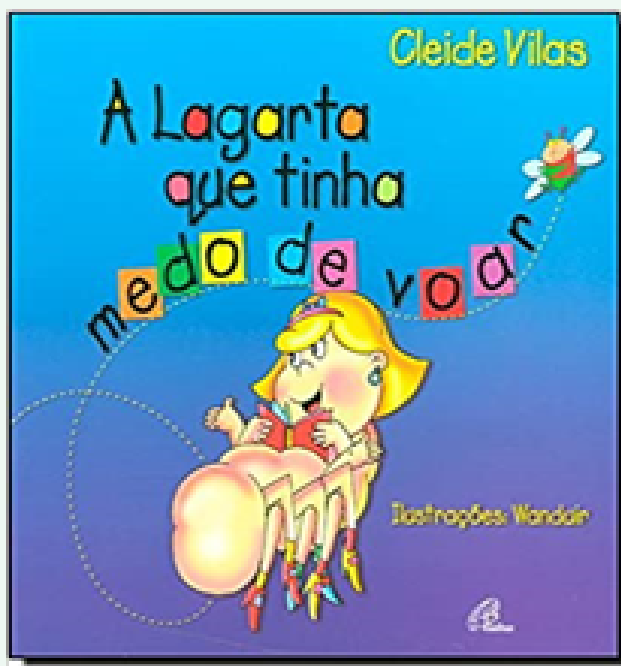


Imagem 1 e 2 foto da capa e contracapa do livro. Acervo pessoal Elis Beatriz

Estratégias durante a leitura

Para contar a história, o professor poderá fazer uso de dedoches ou fantoches. Abaixo algumas sugestões:

Estratégias após a leitura

1.Descobrimos por que a lagarta tinha medo de voar?

Se as lagartas não se transformassem, não teríamos borboletas. Já pensou se não tivessem as borboletas? Muitas flores existem por causa das borboletas, pois elas posam nas flores e levam o pólen, que são pozinhos que, irão dar origem a novas flores.

2.O que você acha sobre ter medo? (É normal? Bobeira? Faz parte da vida ter medo em alguns momentos... o professor pode relatar alguma experiência sobre o assunto)

3.A Lia passou por uma mudança. Todos nós passamos por mudanças. Vocês já passaram por alguma mudança? (de cidade, de casa...)

4.E mudança de escola?

5.Vocês acham que vai ser diferente, agora no ensino fundamental? O quê?

Podemos pedir que registrem como desejarem como estão pensando que será no ensino fundamental. Podem desenhar ou/e escrever.

As produções podem ser ponto de partida para conversa com outras crianças que já estão no 1º ano.

ANEXO 2: Proposta para período de acolhida das crianças no ensino fundamental

Sugestão de literatura “Os medos de Lili”, Lilian Menenguci

O livro “Os medos de Lili” traz a história da pequena Lili, que tinha medo das chuvas, raios, trovões e do escuro. Só era capaz de se sentir protegida quando agarrada à saia da sua avó. O medo que Lili sentia aumentava e transformava tudo ao seu redor. Nessas situações, a pequena foi aprendendo que, ao invés de correr dos medos, precisava, mesmo, enfrentá-los. Os medos, muitas vezes, não estão do lado de fora, mas dentro da gente” (<https://www.instagram.com/lilianmenengucioficial/> perfil da autora no Instagram)

Estratégias antes da leitura

1. Como sei que gostam de história, trouxe esta aqui. Quem conhece? Sabe o título?

Chamar atenção das crianças para o que vemos na capa (escritas e ilustrações); (não ler o título ainda)

2. Na capa já observamos que tem uma menina. Como está a expressão dela? (alegre, triste, medrosa...) Por que será que ela está assim? Quantos anos ela aparenta ter? (aparenta ser criança ou adulto)

3. O que mais tem de informação na capa?

Apontar para o título, pedir ajuda para ler, perguntar quem será Lili e levantar hipóteses sobre os medos que ela possa ter. (registrar no quadro). Abordar sobre o que está escrito nas demais partes, chamando atenção para nome da editora, do ilustrador e por último da autora.

Apresentar a autora (algumas crianças poderão ver semelhanças entre Lili e a autora Lilian, deixar essa informação como uma hipótese a confirmar.



Imagem 1 foto da capa livro. Cedida pela autora.



Imagem 2 foto da autora. Cedida pela autora.

Lilian Menenguci é capixaba, professora e autora de livros para crianças e adultos. Ela diz que gosta de pipoca com queijo e filme de aventura. Adora tomar banho de chuva, tomar sorvete no inverno, café com leite e pão quente com manteiga em qualquer estação. E que até hoje sente o cheiro dos bolinhos com canela e biscoitos feitos pela avó Maria. Sobre medos, Lilian diz que tem medo de não chamar seus medos pelos nomes que eles têm. Ela escreveu outros livros para crianças: “Casa de papel” e “A criança mágica” e também livros de poesia. (Biografia adaptada, parte disponível no livro “Os medos de Lili”)

Estratégias durante a leitura

Enquanto realiza a leitura o professor poderá utilizar alguns recursos, como borrifar água nas crianças no momento em que diz que Lili tinha medo da chuva; pode contar história em um local que seja possível fazer teatro com sombra, para abordar que Lili no escuro via tudo ficar gigante; pode, ainda, fazer barulhos das trovoadas.

Estratégias após a leitura (momento que iremos confirmar algumas hipóteses levantadas antes da leitura)

1. Lili era pequena ou grande?
2. Quais eram os medos de Lili? (retomar o que eles disseram. Acertaram?)
3. O que Lili fazia para superar os medos que sentia?
4. Mostrar ao final do livro imagens que a autora acrescentou dela desde bebê. Perguntar quem será essa criança, destacar que é a autora. Por que ela colocou suas fotos de criança? (É provável que as crianças tenham observado semelhanças da Lili com a autora Lilian, inclusive no nome. Caso isso não tenha acontecido, levar as crianças a estabelecer essa relação, fazendo uma intertextualidade entre a literatura e a biografia da autora, pois no livro consta que Lili cresceu e fez dos medos poesia, e, na biografia acima, temos a informação de que ela também escreveu livros de poesia. Além da semelhança nos nomes...
5. Ao final, a autora nos faz uma pergunta. Quem lembra? (E você, tem medo de quê?)

Tecendo diálogo com a transição

Nesse momento organizar para que elas falem de seus medos, o professor pode ir registrando e ver se tem medos iguais.

Perguntar se elas têm ou já tiveram medo de mudanças (por exemplo, mudar de estado, de casa)

Abordar que irão mudar de escola (ou mudaram) e se alguém sente algum medo.

Dialogar que Lili adotava algumas medidas para não sentir medo. Assim, se sentirem algum medo na escola nova podem fazer o mesmo. O que vocês acham que pode ser feito? (indicar que podem, por exemplo, pedir ajuda para a professora, aos demais funcionários da escola, aos responsáveis, aos amiguinhos...)

Podem combinar de escrever uma mensagem para a autora perguntando se ela teve medo de mudar de escola alguma vez e o que ela fez!

Observação: as estratégias podem começar em um momento e serem concluídas em outro, pois as crianças podem ficar cansadas. Pode fazer a estratégia antes e durante e em outro momento retomar, lembrando a história ou recontando e realizando as estratégias após a leitura. Até mesmo as estratégias após a leitura podem ser realizadas aos poucos.



7. SOBRE A ORGANIZADORA

Elis Beatriz de Lima Falcão é natural de Vitória, Espírito Santo. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Educação na linha, Educação e Linguagem (PPGE/UFES) e Doutoranda em Psicologia (PPGP/UFES). É professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Centro de Educação Infantil Criarte/UFES e pesquisadora nas áreas da educação (transição educação infantil e ensino fundamental e alfabetização) e psicologia (motivação, engajamento e necessidades psicológicas básicas com ênfase na educação).

Organizou o livro *Sobre lagartas e borboletas e sobre não ter medo de voar: a literatura e a transição da educação infantil para o ensino fundamental*, publicado em 2019 pela editora CRV.

Contato: elis.falcao@ufes.br



@alfabetizacaoahistoricocultural